

Jaime Ferreira da Silva

*Departamento de Romanística da Faculdade de Filologia da Universidade de Bochum;
jaime.dasilva@t-online.de*

“Onde está Madrid?”, “Onde é Madrid?” e “Onde fica Madrid?”

(Algumas considerações acerca do uso do verbo <estar> em situações deícticas, e dos casos em que o verbo <ficar> pode ou não substituir <ser> e <estar>. Acheга para uma nova edição da *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mário Vilela)

O problema

No seu (aliás excelente) manual de língua portuguesa para Alemães, que tão bons serviços prestou aos cooperantes da antiga República Democrática Alemã enviados para Angola e Moçambique, após a independência destas colónias portuguesas, escreve Helmut Rostock, entre outras coisas, o seguinte, acerca do uso do verbo <estar>:

„estar“ wird in Aussagen über Zustände oder zufällige Merkmale verwendet. Dazu gehören Aussagen, die eine Ortsangabe, z.B. in Form der Wörter „aquí – hier“, „onde – wo“ oder in Form der Präposition „em“ bzw. mit „em“ zusammengesetzter Wörter enthalten (em casa – zu Hause) [...]. (Rostock, 1988: 24). [„estar“ é usado em enunciados acerca de estados ou de características acidentais. Disto fazem parte enunciados contendo uma indicação de lugar, por exemplo sob a forma das palavras “aquí”, “onde” ou sob a forma da preposição “em” ou em grupos de palavras com “em” (em casa)].

Os exemplos aduzidos pelo autor, como seria de esperar, não estão em desacordo com esta regra:

“Onde está a vizinha?” – “A vizinha está aqui.” “Estou em casa.” “Estão no correio.” (*Id.*, *ibid.*).

Se quisermos, porém, sair do âmbito de “indicações de lugar” de carácter não transitório, portanto diferentes das que são apresentadas nas frases exemplificativas citadas, caímos numa situação que já não pode ser, adequadamente, descrita pela regra de Rostock, supra mencionada:

“Onde é Madrid? – Madrid é em Espanha”, “Onde é a Patagónia?”, “Onde é o correio?”, “Onde é o novo banco?”, “Aqui é o Ministério dos Negócios Estrangeiros e acolá é o das Finanças”, “Ali é a Embaixada da Austrália”, “Acolá é o Jardim Zoológico”.

Para que os aprendentes de Português possam produzir correctamente estas frases, a regra de Rostock (aut. cit., _1988: 23), acerca do uso do verbo <ser>, deverá ser completada com o que, a seguir, vai em itálico, uma vez que não contempla este caso especial do emprego desta cópula, que aqui também se afasta do Castelhana, aquele idioma tão parecido com o Português:

„ser“ wird in Aussagen über Eigenschaften oder Merkmale verwendet, *die vom Sprecher als ‚nicht veränderlich‘ betrachtet werden. Dazu gehören Aussagen, die eine Ortsangabe enthalten, die sich auf geographische Begebenheiten oder Standorte von Einrichtungen, Gebäuden, Behörden usw. bezieht.* [„ser“ emprega-se em enunciados sobre qualidades ou características que o falante considera como ‚imutáveis‘. Disto fazem parte enunciados *que contêm uma indicação de lugar, que se refere a dados geográficos ou à localização de instituições, edifícios, repartições públicas, etc.*]

Há, porém, contextos, em que é possível usar o verbo <estar> para “indicações de lugar” deste último tipo (sendo este, de resto e como é sabido, o uso normal do Espanhol, ao contrário do Português):

“Diga-me, se faz favor, onde está agora o novo edifício dos correios? – Olhe, o novo edifício está ali, ao lado daquele banco, 100 metros à sua esquerda”. “O Ministério dos Negócios Estrangeiros já não é no Palácio das Necessidades? Onde está agora?”

Por outras palavras: caso tenha havido uma deslocação do lugar anterior em que se encontrava um edifício ou uma instituição, pode empregar-se o verbo <estar>.

Relativamente ao uso de <estar> ligado a indicações geográficas, também há um contexto deítico em que isto é possível. Por exemplo, diante de um mapa-mundi, pendurado na parede, pode-se usar este verbo da seguinte maneira:

“Mostre-me, aqui neste mapa, onde está Madrid”, “Diga-me onde está a Austrália”, “Aponte para que lado está o Vale do Ruhr: para o Ocidente ou para o Leste?”.

Outra situação deítica deste tipo é a seguinte: Num ponto alto, ou num miradouro, poder-se-ão fazer perguntas como, por exemplo:

“Aqui, no cume da Serra da Estrela, em que direcção está o Atlântico? Para que lado está a Serra de Gredos? Onde está a Beira Baixa?”, “Aqui, no piso oitavo deste edifício da Universidade de Bochum, mostre-me onde está a Biblioteca Geral? Onde está a Cantina Universitária? Onde está a secretaria da Universidade? Onde está o edifício GA? Onde está o Jardim Botânico?”.

Entra em cena o verbo <ficar>

Tanto nos exemplos dados para as “indicações de lugar” de carácter não transitório (em que se usa o verbo <ser>) como para todos os exemplos, elencados supra, do uso do verbo <estar>, pode-se empregar, em vez destes dois verbos – e sem que o significado se altere – um terceiro: <ficar>. Assim:

“Onde é Madrid?” ou “Onde fica Madrid?”, “Madrid é em Espanha” ou “Madrid fica em Espanha”, etc. Do mesmo modo: “Mostre-me, no mapa, onde está Madrid” ou “Mostre-me, no

“ONDE ESTÁ MADRID?”, “ONDE É MADRID?” E “ONDE FICA MADRID?”

mapa, onde fica Madrid”, “Onde está, agora, o novo edifício dos correios?” ou “Onde fica, agora, o novo edifício dos correios?”, etc.

<Ficar>, neste contexto, poderá portanto parafrasear-se como <ficar situado>. Daí que possa substituir tanto <ser> como <estar>, neutralizando a oposição que há entre os dois mencionados verbos, nos casos já referidos.

Por outro lado, tratando-se das “indicações de lugar” de carácter transitório, há uma diferença entre o uso de <estar> e de <ficar>, ou seja, aqui, estes dois verbos já estão, efectivamente, em oposição. Por conseguinte:

“Onde está a vizinha?” não é a mesma coisa que “Onde fica a vizinha?”, e “A vizinha está em casa” é diferente de “A vizinha fica em casa”. Neste contexto, o verbo <estar> corresponde ao alemão “sich befinden/aufhalten”, enquanto que o verbo <ficar> se deverá traduzir por “bleiben”. Portanto teríamos, em alemão, as seguintes oposições, respectivamente: “Wo ist/befindet sich [sc. jetzt] die Nachbarin?” vs. “Wo bleibt/soll bleiben die Nachbarin [sc. jetzt oder heute Nacht]?” e “Die Nachbarin ist zu Hause” vs. “Die Nachbarin bleibt zu Hause”.

Conclusão

O assunto que tratei é do conhecimento de qualquer falante da língua portuguesa, em especial dos que usam este idioma conscientemente. Por isso é tanto mais estranho que, até agora, nada tenha sido publicado a este respeito, que eu saiba. Fica aqui esta breve sugestão, para que outros retomem o tema, com maior desenvolvimento.

Por outro lado, e uma vez que o Castelhana está sendo tomado muito a sério, actualmente, tanto em Portugal como no Brasil (e ainda bem que assim é), temos aqui mais uma diferença entre estas duas línguas ibero-românicas pelo que diz respeito ao uso dos verbos <ser> e <estar> (para já não referir <ficar>, que apresenta características muito especiais também).

Finalmente é um pormenor a levar em conta por quem ensina Português a quem já sabe Espanhol. E vice-versa.

Bochum, 4 de Outubro de 2004.

BIBLIOGRAFIA

ROSTOCK, Helmut (1988), *Lehrbuch der portugiesischen Sprache*, Leipzig, München, Enzyklopädie, Langenscheidt.

